

# O estatuto das partículas {te} e {mỹ} da língua indígena Pykobjê-Gavião

(The status of the particles {te} and {mỹ} of an indigenous language called Pykobjê-Gavião)

Talita Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP)

talita.rodrigues.silva@usp.br

**Abstract:** In this paper we describe and analyse two suffix particles, both found in an indigenous language, Pykobjê-Gavião (Macro-Jê Branch, Jê Family, Timbira Group), which are: {te} and {mỹ}. Our discussion is focused on observing what kind of relationship is established between these particles and the cases that, in a surface morphology, are linked to them. We have noted that {te} seems to indicate the ergative case marker and {mỹ} seems to indicate the dative case marker and they keep a complementary relationship. We have questioned whether, in this indigenous language, the case marking is a requirement of a structural case or of an inherent case.

**Keywords:** Brazilian Indigenous Language; Timbira Indians; Morphosyntax; Particle Suffix.

**Resumo:** Neste artigo buscamos descrever e analisar duas partículas sufixais, ambas encontradas na língua indígena Pykobjê-Gavião (Tronco Macro-Jê, Família Jê, Complexo Timbira); são elas: {te} e {mỹ}. Nossa discussão está focada em entender qual tipo de relação se estabelece entre essas partículas e os casos que, em uma morfologia superficial, estão atrelados a elas. Observamos que {te} parece marcar caso ergativo e {mỹ} caso dativo, em uma relação complementar. Questionamos se, nessa língua, a marcação de caso de ambas as partículas trata-se de uma exigência estrutural ou inerente.

**Palavras-chave:** Língua Indígena Brasileira; Indígenas Timbira; Morfossintaxe; Partícula Sufixal.

## Introdução

Antes de darmos início ao presente estudo linguístico, desejamos situar a língua-objeto em sua comunidade de fala, pois julgamos relevante entender em que contexto social uma língua se manifesta. Assim, começaremos contando um pouco sobre o povo Pykobjê-Gavião, que é falante dessa língua homônima.

Os Pykobjê-Gavião se autointitulam *Pycop catëë jë*, que significa “o povo de *Pycop*”. *Pycop*, possivelmente, refere-se à imagem mítica de uma deusa salvadora, na cosmologia Timbira, ao passo que o sufixo *jë* significa “meu povo, minha gente”. Esse sufixo, que também designa o coletivo em Pykobjê, é o mesmo que serviu para nomear a Família Jê, dada sua recorrência em muitas outras línguas dessa mesma unidade filogenética.

Rodrigues (2002, p. 47), que elaborou a classificação de línguas indígenas mais aceita na atualidade, afirma que o Pykobjê (termo designado pelo autor como “Pukobyé”) é uma língua pertencente ao Tronco Macro-Jê, Família Jê e, mais, trata-se de uma das sete

línguas membros do grande grupo étnico Timbira.<sup>1</sup> Segundo o autor, as demais línguas Timbira são: Ramkókamekra (Canela), Apâniekra (Canela), Krinkatí (Gavião), Krenjê, Parakatejê (Gavião) e Krahô.<sup>2</sup>

Há estudos que trabalham com a hipótese de que essas línguas são, na verdade, variedades dialetais de uma única língua, diacronicamente afastada, o assim chamado “Proto-Timbira”. Dentre os sete dialetos Timbira, até o momento, apenas quatro foram objeto de descrição em nível fonológico, morfológico e/ou sintático com o uso de metodologia linguística acadêmica. São eles: Apâniekrá-Canela (ALVES, 2004), Parkatejê (FERREIRA, 2003), Krahô (SOUZA, 1997) e Pykobjê-Gavião (AMADO, 2004).<sup>3</sup>

Atualmente, os Pykobjê-Gavião vivem a sudoeste do estado do Maranhão, na micro-região de Imperatriz, a cerca de 18 km da pequena cidade de Amarante (atualmente, pouco mais de 50% do município é ocupado por terras indígenas (TIs)). Os Pykobjê ocupam uma mesma extensão de TI, que, por sua vez, foi dividida em quatro aldeias: Governador, que é a mais antiga dentre todas; Riachinho; Rubiácea e Aldeia Nova, esta última fundada em janeiro de 2010. Nesse mesmo ano, a Fundação Nacional do Índio (Funai), com Posto Indígena (PIN) em Governador, contabilizou uma população de quase 600 índios Pykobjê.

Os Pykobjê tiveram sua TI delimitada em 1977 pelo convênio Funai/Radam, quando receberam 42 mil hectares. Esse espaço tem se mostrado cada vez mais insuficiente, basicamente por duas razões: a população indígena vem apresentando um crescimento demográfico de quase 10% ao ano; além disso, no espaço delimitado não há recursos naturais suficientes para manter o *modus vivendi* dos Pykobjê. Isso limita a produção de “cultura material” e dificulta a sobrevivência nas aldeias.<sup>4</sup>

Apesar desses problemas e de não se tratar de uma situação de contato recente (meados do século XIX), a língua é um ponto forte de manifestação cultural para esse povo. E a expressão numérica dessa constatação é que 100% dos Pykobjê continuam aprendendo o Português apenas como segunda língua (L2), ao passo que o Pykobjê continua sendo a língua materna (L1) e de comunicação interpessoal dentro de todas as aldeias.

Quanto à mobilidade indígena, o mais comum é que os Pykobjê só deixem sua TI a fim de cursar ensino profissionalizante ou superior. No entanto, eles raramente perdem o contato com suas aldeias. E, em geral, acabam retornando para casar e trabalhar em prol do grupo, sobretudo no segmento da educação.

Por outro lado, a mobilidade inter-aldeias é bastante intensa. Os Pykobjê não encontram qualquer resistência em derrubar suas casas de uma aldeia para migrar a outra.

<sup>1</sup> A denominação Timbira, segundo Nimuendaju (1946, p. 08), é exógena às línguas do Grupo designado, significando “os amarrados” (do Tupi: *tĩ* (amarrar) + *pira* (passivo)), em referência ao hábito de amarrar fitas de palha ou faixas trançadas em algumas partes do corpo, como braço, testa e tornozelo. Contudo, entre si, os Timbira se chamam por *mehê*, que significa “minha gente”, “minha carne”.

<sup>2</sup> Rodrigues (2002, p. 48) salienta que os falantes da língua Apinajê também se consideram Timbira, apesar de sua língua ser estruturalmente mais próxima da dos Kayapó.

<sup>3</sup> Estamos citando entre parênteses os trabalhos que julgamos mais relevantes para entender cada um dos dialetos citados. Certamente, há, em cada caso, outros estudos bastante úteis a serem apreciados.

<sup>4</sup> Um bom exemplo da limitação de recursos naturais nas TIs Pykobjê está no fato de não haver sequer um rio dentro do território delimitado. A única fonte natural de água disponível é um açude, cuja produção de peixes é parca. As consequências disso não são apenas fome e desnutrição, mas também a restrição das atividades culturais mantenedoras do *ethos* Timbira.

Isso é interessante de se observar porque aponta para uma relativa unidade linguística. E, assim, concluímos essa breve consideração acerca do povo indígena Pykobjê-Gavião.

### O estatuto das partículas {te} e {mỹ} no Pykobjê-Gavião

Neste artigo trataremos, basicamente, de duas partículas sufixais. Segundo Camara Jr. (2009, p. 234), podemos entender como sendo partículas, “vocábulos de pequeno valor fonológico e de função auxiliar num sintagma”, podendo ser o sintagma núcleo de uma categoria nominal [+N, -V] ou verbal [-N, +V]. Neste artigo, ambas as partículas se ligam a sintagmas nominais. São elas: {te} (Ergativo, ERG) e {mỹ} (Dativo, DAT).

Além de descrever o uso dessas partículas, buscaremos também saber se elas são decorrentes de relações “inerentes” ou “estruturais”, na língua-objeto. Essa questão, certamente, não surgiu *ad nihil* ou está sendo proposta neste momento por nós. Ao contrário, trata-se de um tema que vem interessando bastante aos estudiosos de outras línguas indígenas brasileiras, como perceberemos pelas citações apresentadas aqui.

Sobre o aspecto teórico, Woolford (2006) nos apresenta sua visão acerca dessa questão dos casos estruturais e inerentes, que, por sua vez, é aplicável nas mais distintas línguas naturais. No texto citado, a autora desenvolve sua teia argumentativa para explicar o que são posições casuais inerentes e como identificá-las nas línguas, por meio de testes simples.

Woolford (2006) discute a questão do caso inerente (não-estrutural) em contraponto ao caso estrutural (não-inerente) e afirma que o caso ergativo pode ser dado de modo inerente, desde que gerado na posição de Spec de vP<sup>5</sup> (Especificador de Verbal Phrase).

Além disso, essa autora chega à conclusão de que, diferentemente dos casos estruturais, os casos inerentes são licenciados sempre em conexão com a marcação temática (papel- $\theta$ ). Ou seja, caso inerente, segundo essa proposta, mantém fina relação com caso semântico. Desse modo, em suma, poderíamos encontrar pistas para descobrir se os casos do Pykobjê são inerentes ou estruturais, respondendo a três perguntas, que são:

As posposições {te} e {mỹ} estão em distribuição complementar nessa língua?

Existe uma relação biunívoca entre caso e papel temático (papel  $\theta$ ) em Pykobjê?

As partículas permanecem ligadas ao mesmo argumento em situação de movimento argumental, como em anti-passivação?

Para responder a essas questões centrais, vamos dialogar, ao longo deste artigo, principalmente, com dois outros textos, que discutem a questão do caso ergativo. São eles: Campos (2009a) e Duarte (2009).

---

<sup>5</sup> A Teoria Gerativa mais recente vem assumindo uma estrutura bipartida para o sintagma verbal, que é composta de um verbo leve (localizado em v<sup>o</sup>) e de um verbo lexical (localizado em V). De acordo com essa proposta, os verbos causativos, por exemplo, são compostos por duas partes, uma base lexical (localizada em V) e o sufixo causativo (CAUS) (localizado em v<sup>o</sup>), que em Pykobjê é /-to/. Para exemplificar o que estamos tratando, vejamos o exemplo oferecido abaixo:

ej – te      to      kkeru:      kakro      Esquentei inhame  
1PD-ERG CAUS      inhame      quente

Em termos de distribuição sintática, podemos dizer que ambas as partículas não são verificáveis na posição de sujeito sintático de verbo intransitivo (inergativo ou inacusativo). Vejamos, então, alguns dos testes empregados:

**Verbo intransitivo (inacusativo ou inergativo) → Uso de {te} não é possível<sup>6</sup>**

- |     |                   |                   |          |               |                                       |                       |
|-----|-------------------|-------------------|----------|---------------|---------------------------------------|-----------------------|
| (1) | *E'no'ny<br>Ontem | aa-te<br>2PD-ERG  | te<br>ir | a'cēt<br>mata | cỹ <sup>7</sup><br>LOC <sup>8 9</sup> | Ontem você foi à mata |
| (2) | E'no'ny<br>Ontem  | aa-te<br>2PD-ir   |          | a'cēt<br>mata | cỹ<br>LOC                             | Ontem você foi à mata |
| (3) | *E'no'ny<br>Ontem | aa-te<br>2PD-ERG  |          | pỹ<br>cair    |                                       | Ontem você caiu       |
| (4) | E'no'ny<br>Ontem  | aa-pỹ<br>2PD-cair |          |               |                                       | Ontem você caiu       |

**Verbo intransitivo (inacusativo ou inergativo) → Uso de {mỹ} não é possível**

- |     |                   |                   |          |            |                    |           |                              |
|-----|-------------------|-------------------|----------|------------|--------------------|-----------|------------------------------|
| (5) | *E'no'ny<br>Ontem | ěj-mỹ<br>1PD-DAT  | te<br>ir | cō<br>água | capręc<br>vermelho | cỹ<br>LOC | Ontem eu fui ao Rio Vermelho |
| (6) | E'no'ny<br>Ontem  | ěj-te<br>1PD-ir   |          | cō<br>água | capręc<br>vermelho | cỹ<br>LOC | Ontem eu fui ao Rio Vermelho |
| (7) | *E'no'ny<br>Ontem | aa-mỹ<br>2PD-DAT  |          | pỹ<br>cair |                    |           | Ontem você caiu              |
| (8) | E'no'ny<br>Ontem  | aa-pỹ<br>2PD-cair |          |            |                    |           | Ontem você caiu              |

<sup>6</sup> Ao longo deste artigo, estaremos utilizando a Grafia Uniformizada Timbira, nas transcrições do Pykobjê-Gavião. Sugerimos aos interessados em conhecer melhor as correspondências fonêmicas que essa grafia propõe a leitura dos Apêndices da tese de Amado (2004). Já a marcação de glosas adotada é baseada nas *Leipzig Glossing Rules*, desenvolvidas em conjunto pelo Departamento de Linguística do Instituto Max Planck (B. Comrie, M. Haspelmath) e pelo Departamento de Linguística da Universidade de Leipzig (B. Bickel).

<sup>7</sup> A agramaticalidade costuma ser marcada no *corpus* com o asterisco (\*). Já a sentença cuja agramaticalidade não é unânime para os falantes da língua é marcada com o ponto de interrogação (?), que pode ser repetido para marcar forte resistência, (??) ou (???). Ambos os sinais são postos, na maioria das exposições, à esquerda da oração em análise.

<sup>8</sup> O Pykobjê-Gavião apresenta três tipos de pronomes pessoais, que são: Pronomes Dependentes ou Forma Presa (PD), Pronomes Independentes ou Forma Livre (PI) e Pronomes Enfáticos (PE). A questão mais relevante a se observar aqui é que, enquanto partículas, {te} e {mỹ} só ocorrem, em adjunção, com a subclasse dos pronomes dependentes, conforme melhor discutido adiante.

<sup>9</sup> LOC: abreviatura para Locativo.

Por outro lado, podemos dizer que ambas as partículas são possíveis de serem observadas na posição de *sujeito de verbo transitivo* (dois ou mais argumentos), desde que o tempo seja o não-marcado, isto é, o *passado*. Desse modo, essas partículas se unirão, necessariamente, a um item da subclasse dos *pronomes pessoais dependentes*, quando o núcleo de adposição for pronominal, conforme mostram os exemplos dados abaixo:

- |      |         |         |       |        |                                 |
|------|---------|---------|-------|--------|---------------------------------|
| (9)  | E'no'ny | co-te   | a'tor | coran  | Ontem ele matou o lambu         |
|      | Ontem   | 3PD-ERG | lambu | matar  |                                 |
| (10) | Mam     | co-mỹ   | cõ    | xẽ     | Antigamente ele gostava de água |
|      | Antes   | 3PD-DAT | água  | gostar |                                 |

A primeira pergunta colocada acima, a fim de identificar caso inerente, foi se essas partículas estão em distribuição complementar no Pykobjê. A resposta é sim. Podemos dizer que as partículas {te} e {mỹ} estão em relação de distribuição complementar, se levarmos em conta apenas o contexto de sujeito sintático, pois, como veremos adiante, a partícula {mỹ} tem uso mais amplo do que a partícula {te} nessa língua.

No entanto, o que, de fato, importa aqui é que, *na posição de sujeito sintático, {te} e {mỹ} estão em distribuição complementar*. Essa relação é desencadeada pelas restrições semânticas que o verbo irá impor ao argumento externo (AE) que s-selecionar (seleção semântica).<sup>10</sup>

Assim, se o verbo s-selecionar um AE que apresente as seguintes características semânticas: {+controle/desencadeamento da ação} e {+volição}, o que corresponde, em geral, ao que conhecemos como [+Agente], então, o previsível é que o sujeito venha marcado com a partícula que indica caso ergativo, isto é, {te}.

Caso o verbo s-selecione um AE que apresente a característica semântica {-controle/desencadeamento da ação}, o que corresponde, em geral, ao que conhecemos como [+Experienciador], então o previsível é que o sujeito venha marcado com a partícula que indica caso dativo, isto é, {mỹ}.

Logo, podemos dizer que a chave que aciona uma partícula ou outra no contexto de sujeito está na interpretação semântica presente no léxico verbal dessa língua. Mas, como tudo o mais que envolve a questão lexical, nesse caso também estamos caminhando no terreno das idiossincrasias. Isso significa que seria perda de tempo buscarmos entender esquemas de predileção verbal.

Desse modo, o que estamos colocando, por ora, é que, se o verbo for do tipo que s-seleciona um AE [+Agente], então a língua obriga a presença da partícula de caso ergativo. Já se o verbo for do tipo que s-seleciona um AE [+Experienciador], então é necessária a presença da partícula que marca caso dativo.

Como Woolford (2006) bem explica, dizer que um caso é inerente implica mapear relações de univocidade entre casos e papéis temáticos. Para entender melhor o que se espera desse tipo de relação, tomamos o artigo de Duarte (2009).

<sup>10</sup> Estamos utilizando aqui os conceitos da Teoria X-Barra referentes às noções de s-seleção (seleção semântica) e de c-seleção (seleção categorial) de núcleo verbal.

Nesse texto, o autor estuda a conexão entre papel temático e caso em quatro línguas indígenas: Maxakalí (Tronco Macro-Jê, Família Maxakalí), Apinajé (Tronco Macro Jê, Língua Jê, Complexo Timbira), Parkatejê (Tronco Macro Jê, Língua Jê, Complexo Timbira) e Apãniekrá (Tronco Macro Jê, Língua Jê, Complexo Timbira).

No caso do Maxakalí, não só Duarte (2009), como Campos (2009a), explicam que não existe uma posposição específica para marcar o caso dativo, por isso a posposição /tæʔ/ é usada para todos os tipos semânticos de sujeito de verbos transitivos, como vemos nos exemplos dados abaixo:

(11) kakxop - 'te kuxxamuk put O menino pegou o lambari  
 menino ERG lambariABS<sup>11</sup> pegar  
 (CAMPOS, 2009a, p. 104)

(12) ũn - te yimxox yimkut A mulher ficou com medo do marido  
 mulher ERG maridoABS temer  
 (CAMPOS, 2009b, p. 237)

Além disso, nessa língua, a posposição /-tæʔ//{te} também aparece para marcar o sujeito de verbos intransitivos inergativos, como podemos ver no exemplo apresentado abaixo:

(13) Yoãm- te hãmyã João dançou  
 João ERG dançar  
 (CAMPOS, 2009b, p. 234)

Como visto, então, em Maxakalí, a posposição {te} pode acionar dois papéis temáticos: [+Agente] ou [+Experienciador]. Assim como no Pykobjê, ambos serão s-selecionados pelo verbo. Duarte (2009) esclarece que, no caso do **Maxakalí**, não há uma relação biunívoca e sistemática entre caso inerente e papel temático. A relação, nessa língua, indica que *uma partícula serve a dois casos*.

Mas não é isso o observado nas outras três línguas analisadas pelo autor. Em todas as demais existe, além da marca de caso ergativo, uma partícula, {mã}, cuja obrigatoriedade em sujeitos de verbos transitivos psicológicos de tempo não-marcado indica que o caso é o dativo.

Essa partícula também existe no Pykobjê, que, como já citamos em outro momento desse artigo, parece tratar-se de um dialeto Timbira. Vejamos, então, como a partícula de caso dativo aparece nas três línguas aparentadas do Pykobjê:

### Apinajé

(14) iɲ - mʃ kagə puba Eu tenho medo de cobra  
 1 - DAT cobra temer  
 (OLIVEIRA, 2005, p. 271)

<sup>11</sup> ABS: abreviatura para Absolutivo.

## Apãniekrá

- (15) i - mã tep - nã prãm Eu quero peixe  
1 - DAT peixe POSP querer<sup>12</sup>  
(ALVES, 2004, p. 118)

## Parkatejê

- (16) i - kra mǎ pĩptʃo kɨn nĩre Meu filho gosta muito de banana  
1-filho DAT banana gostar muito  
(FERREIRA, 2003, p. 127)

Com vistas aos dados apresentados acima, Duarte (2009) chegou à conclusão de que *nessas três línguas há uma relação biunívoca entre papel temático e caso*. O papel-θ [+Agente] é valorado pelo caso ergativo, cuja marca é {te}. E o papel-θ [+Experienciador] é valorado pelo caso dativo, cuja marca é, salvo pequenas diferenças de ordem fonológica, {mã}.

O mesmo que se observou nessas três línguas Timbira, pode ser estendido para o **Pykobjê**, que mantém o mesmo padrão de distribuição sintática, ou seja, uma partícula associada a um caso: **{te} ligada ao caso ergativo**; e, **{mỹ} ligada ao caso dativo**, conforme os testes abaixo indicam:

- (17) \*Aa-mỹ cõ japrõ Você comprou água  
2PD-DAT água comprar
- (18) Aa-te cõ japrõ Você comprou água  
2PD-ERG água comprar
- (19) \*Aa-te cõ xẽ Você gostava de água  
2PD-ERG água gostar
- (20) Aa-mỹ cõ xẽ Você gostava de água  
2PD-DAT água gostar

Tendo esclarecido, então, que há uma relação de univocidade entre papel-θ e partícula indicativa de caso, no Pykobjê, vamos entender melhor o uso de ambas as partículas na posição de sujeito. Para isso, observemos alguns testes, dispostos abaixo:

## Sujeito sintático – partícula {te}

- (21) \*Awca'te wa te ha a'tor cora Amanhã eu vou matar o lambu  
Amanhã 1PI ERG FUT lambu matar
- (22) \*Awca'te ẽj-te ha a'tor cora Amanhã eu vou matar o lambu  
Amanhã 1PD-ERG FUT lambu matar
- (23) Awca'te wa ha a'tor cora Amanhã eu vou matar o lambu  
Amanhã 1PI FUT lambu matar
- (24) \*E'no'ny ẽj a'tor coran Ontem eu matei o lambu  
Ontem 1PD lambu matar

<sup>12</sup> POSP: abreviatura para Posposição

- (25) \*E'no'ny wa a'tor coran Ontem eu matei o lambu  
 Ontem 1PI lambu matar
- (26) E'no'ny ěj-te a'tor coran Ontem eu matei o lambu  
 Ontem 1PD-ERG lambu matar
- (27) \*E'no'ny a'crajre ropre mÿ cō jōðr Ontem a criança deu água ao gato  
 Ontem criança gato DAT água dar
- (28) E'no'ny a'crajre te ropre mÿ cō jōðr Ontem a criança deu água ao gato  
 Ontem criança ERG gato DAT água dar

### Sujeito sintático – partícula {mÿ}

- (29) \*Wa ha mÿ cō xē Eu vou gostar de água  
 1PI FUT DAT água gostar
- (30) Wa ha cō xē Eu vou gostar de água  
 1PI FUT água gostar
- (31) \*Mam ěj cō xē Antigamente eu gostava de água  
 Antes 1PD água gostar
- (32) Mam ěj-mÿ cō xē Antigamente eu gostava de água  
 Antes 1PD-DAT água gostar

Observando os exemplos vistos acima, podemos levantar a *hipótese* de que essas *partículas nominiais estão sendo inibidas pela partícula verbal* que marca tempo/aspecto, {ha}. Observemos que, apesar de a subclasse pronominal mudar nos tempos marcados (PD→PI), sob o aspecto distribucional, as partículas verbais e nominiais ocupam a mesma posição, ou seja, a pós-nominal. Vejamos, novamente, alguns dos exemplos vistos acima:

- (33) Wa ha cō xē Eu vou gostar de água  
 1PI FUT água gostar
- (34) Mam ěj-mÿ cō xē Antes eu gostava de água  
 Antes 1PD-DAT água gostar

Assim, acreditamos que haja uma *restrição nessa língua que impede que duas partículas, sendo uma delas verbal e outra nominal, fiquem lado a lado*. Essa seria uma boa explicação para entendermos por que {te} e {mÿ} nunca aparecem em verbos intransitivos. No caso dos verbos intransitivos inergativos no tempo futuro, seria, de fato, a partícula {ha} a inibidora, como podemos compreender a partir dos testes abaixo:

- (35) \*Wa mÿ ha te cō capręc cÿ Irei ao Rio Vermelho  
 1PI DAT FUT ir água vermelho LOC
- (36) Wa ha te cō capręc cÿ Irei ao Rio Vermelho  
 1PI FUT ir água vermelho LOC

Já no tempo não-marcado de um verbo intransitivo inergativo e em todos os tempos de um verbo intransitivo inacusativo, seria o próprio verbo o inibidor. Observemos que



o verbo, nesses contextos, apresenta a forma de uma partícula verbal, pois se une ao PD, gerando uma única palavra fonológica. Vejamos, então, alguns exemplos:

- (37) \*E'no'ny aa-te te a'cēt cỹ Ontem você foi à mata  
 Ontem PD-ERG ir mata LOC
- (38) E'no'ny aa-te a'cēt cỹ Ontem você foi à mata  
 Ontem 2PD-ir mata LOC
- (39) \*E'no'ny aa-te pỹ Ontem você caiu  
 Ontem 2PD-ERG cair
- (40) E'no'ny aa-pỹ Ontem você caiu  
 Ontem 2PD-cair
- (41) \*Awca'te aa-mỹ pỹ Amanhã eu vou cair  
 Amanhã 2PD-DAT cair
- (42) Awca'te aa-pỹm Amanhã eu vou cair  
 Amanhã 2PD-cair

Essa restrição promovida pela partícula verbal seria, segundo nossa hipótese, mais importante do que a necessidade de marcar caso, já que o caso poderia ser depreendido através da natureza semântica verbal. E isso também corrobora a hipótese de que o caso, em Pykobjê, é inerente. Vejamos abaixo um exemplo dessa restrição:

- (43) \*Wa ha mỹ cō xē Eu vou gostar de água  
 1PI FUT DAT água gostar
- (44) \*Wa mỹ ha cō xē Eu vou gostar de água  
 1PI DAT FUT água gostar
- (45) Wa ha cō xē Eu vou gostar de água  
 1PI FUT água gostar

Observamos, também, que essas duas partículas nominais, {te} e {mỹ}, podem aparecer em uma mesma sentença, sem promover qualquer estranhamento, quando se trata de uma oração que está na anti-passiva.<sup>13</sup> Nesses casos, verifiquemos dois aspectos:

- a marca de caso dativo passa a ser atribuída ao argumento (desde que este seja membro da classe dos nomes), que corresponderá ao papel temático (papel- $\theta$ ) de Paciente ou Tema, que significa “aquele que sofreu com a ação do verbo”, sendo, portanto, {-desencadeador da ação};<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Estamos usando o termo “anti-passiva” nesse estudo com a consciência de que o mesmo poderá ser revisto em trabalhos futuros.

<sup>14</sup> Se o Paciente não for da classe dos nomes, mas dos pronomes, observamos o uso da partícula {ha}, cujo significado é muito próximo ao *for* do Inglês, que costuma atribuir caso Benefactivo/Malefactivo ao pronome com que se une. Vejamos abaixo alguns exemplos:

[Me ĕj-te] ĕjcrē nō japrō Nós compramos uma casa  
 [PL 1PD-ERG] casa IND comprar  
 Ejcrē nō [me ĕj-te ha] haprō Uma casa foi comprada por nós  
 Casa IND [PL 1PD-ERG POSP] comprar

**Inglês:**

I bought new clothes for you Eu comprei novas roupas para você



Assim, depois de levantar todas as pistas propostas por Woolford (2006) e executadas por Campos (2009a, 2009b) e Duarte (2009), somos levados a afirmar que *o caso ergativo e o caso dativo são, realmente, casos inerentes, na língua Pykobjê-Gavião*.

Tendo concluído essa discussão, sentimo-nos à vontade para continuar o trabalho de descrição, agora observando os demais contextos em que apenas a partícula de caso dativo, {mỹ}, pode ser encontrada.

Como já havíamos citado, a partícula de caso dativo poderá aparecer em outros contextos que não o de sujeito de verbo transitivo no tempo não-marcado. Isso é, {mỹ} pode ser vista na posição de AI (objeto posposicional). Nesses casos, o tempo de referência não promoverá mais qualquer restrição, conforme vemos nos exemplos dados abaixo:

- (51) Aa-te co-mỹ cõ jōōr Você deu água para ele(a)  
 2PD-ERG 3PD-DAT água dar
- (52) Wa ha rop mỹ masỹ jōōr Eu darei maçã à onça  
 1PI FUT onça DAT maçã dar

Além de ocupar posições argumentais, como as vistas acima: sujeito (AE) e objeto posposicional (AI), a partícula de caso dativo também pode ocupar um sintagma duplicado de VP, funcionando, portanto, como um adjunto adverbial. Então, {mỹ} funcionará como atribuidora de caso estrutural benefactivo/malefactivo, como podemos ver nos exemplos dados abaixo:

- (53) Ej-te cõ japrō Comprei água  
 1PD-ERG água comprar
- (54) Ej-te co-mỹ cõ japrō Comprei água para ele(a)  
 1PD-ERG 3PD-DAT água comprar
- (55) Aa-te tōm ret pro Peguei aquele tatu  
 2PD-ERG tatu DEM pegar
- (56) Aa-te tōm ret ēj-prō mỹ pro Peguei aquele tatu para minha esposa  
 2PD-ERG tatu DEM 'meu'-esposa DAT pegar

Com isso, finalizamos a presente descrição e análise preliminares das partículas {te} e {mỹ}, existentes no Pykobjê-Gavião.

### Algumas considerações

O intuito principal deste artigo foi descrever e analisar as partículas sufixais {te} e {mỹ}, presentes na língua indígena brasileira conhecida como Pykobjê-Gavião (Tronco Macro-Jê, Família Jê, Complexo Timbira). Para realizar essa discussão, apoiamos-nos, sobretudo, em três artigos, que abordam a questão das marcas de ergatividade e dativo.

O texto que nos conferiu a principal base teórica para fomentar a presente discussão foi Woolford (2006). Nesse estudo, a autora apresentou propostas testáveis para identificarmos nas mais variadas línguas naturais casos inerentes em contraponto a casos estruturais. Já os artigos de

Campos (2009a) e Duarte (2009) foram fundamentais para visualizarmos a aplicação dos testes propostos por Woolford (2006).

Com base nisso, vimos que, no Pykobjê, se o AE de um núcleo verbal transitivo for [+Agente] e o tempo for o não-marcado (sem partículas verbais de tempo/aspecto), então, o sujeito receberá a partícula {te}. Por outro lado, nas mesmas circunstâncias de tempo/aspecto, se o núcleo verbal s-selecionar um AE [+Experienciador], então a partícula a ser usada em adjacência ao sujeito será {mỹ}.

Isso indica que há, no Pykobjê, uma distribuição complementar entre as partículas {te} e {mỹ}, na posição de sujeito, tal qual ocorre em outros dialetos Timbira. Além disso, observamos o engendramento de uma relação biunívoca e sistemática, que é desencadeada pelas especificações do papel- $\theta$  (caso semântico).

Por fim, descrevemos o fato de que a partícula {mỹ} tem uso mais amplo, na língua-objeto, que a partícula {te}, servindo não só para indicar dativo, mas sendo recorrente em posição de argumento interno de núcleo verbal para atribuir caso benefactivo/malefactivo aos objetos indiretos de verbos transitivos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, F. C. *O Timbira falado pelos Canela-Apãniekra: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. 2004. Tese. (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- AMADO, R.S. *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê*. 2004. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CAMARA Jr., J. M. *Dicionário de linguística e gramática* – referente à língua portuguesa. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- CAMPOS, C. S. O. Maxakalí: língua ergativa tripartida? In: BRAGGIO, S.L.B.; SOUSA FILHO, S.M. (Orgs.) *Línguas e culturas Macro-Jê*. Goiânia: Editora Vieira, UFG e Capes, 2009a. p. 103-120.
- \_\_\_\_\_. *Morfofonêmica e morfossintaxe do Maxakalí*. 2009b. Tese. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- DUARTE, F. B. A conexão entre papel Theta e caso é sempre Biunívoca? In: BRAGGIO, S.L.B.; SOUSA FILHO, S.M. (Orgs.) *Línguas e culturas Macro-Jê*. Goiânia: Editora Vieira, UFG e Capes, 2009. p. 167-182.
- FERREIRA, M. N. O. *Estudo morfossintático da língua Parkatejê*. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- NIMUENDAJU, C. *The Eastern Timbira*. Berkeley and Los Angeles: University of California Publications in *American Archeology and Ethnology*, 1946. vol. 41.
- OLIVEIRA, C. C. *The language of the Apinajé people of Central Brazil*. 2005. Dissertação (Doctor of Philosophy in the Department of Linguistics). University of Oregon.

SOUZA, S. M. *A sintaxe de uma língua de verbo no final: Krahô*. 1997. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

WOOLFORD, E. Lexical case, inherent case and argument structure. *Linguistic Inquiry*, Massachussets: MIT, v. 37, n. 1, Winter, 2006, (p. 01–21). Disponível em: <<http://people.umass.edu/ellenw/Woolford%20Lexical%20Case,%20Inherent%20Case,%20and%20Argument%20Structure.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2010.